

O destino e a atualidade de Martinho Lutero

Resenha de:

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

Lucas Barroso Rego
(Graduando em História pela UFRJ)

Joana Josiane Andriotte Oliveira Lima Nyland
(Mestranda em Sistemas e Processos Agroindustriais pela FURG)

No início do século XX, um novo Martinho Lutero foi reaceso e vislumbrado nas terras germânicas. A sua popularização se deu quando, a partir de 1933, apareceu, por exemplo, estampado nas moedas de prata de 5 marcos cunhados na Alemanha e, a partir de 1934, quando adquiriu protagonismo na literatura.

Além disso, as recentes comemorações em torno do 500º aniversário de seu movimento reformador contribuíram para reviver a sua imagem enquanto símbolo nos centros acadêmicos, religiosos e sociais. Com isso, a trajetória individual desse personagem histórico é posta, novamente, na arena pública europeia e mundial. Assim, traçá-la, analisá-la e compreendê-la são tarefas fundamentais para a historiografia contemporânea.

Nesse cenário de efervescência em torno desse sujeito histórico em específico, *Martinho Lutero, um destino* (2012) surgiu visando sanar essas pontas abertas tanto historiograficamente quanto socialmente, com o intuito de, a partir de uma ampla consolidação de dados, construir um novo olhar para a trajetória, a vivência e a história de Lutero. Publicado pela primeira vez no ano de 1928, o título original da obra é *Martin Luther, un destin*.

O objetivo da obra em questão é apresentar a vida e obra desse líder religioso agostiniano, além de analisar o impacto que suas ideias tiveram na Europa do século XVI, em um contexto de efervescência política, cultural, religiosa e social. A partir de uma visão retrospectiva, espera-se fornecer uma visão abrangente e contextualizada dessa figura histórica e de seu legado duradouro na história do Cristianismo e da Europa.

O livro foi escrito por Lucien Paul Victor Febvre (1878-1956), um influente historiador modernista francês e co-fundador, junto com Marc Bloch, do periódico acadêmico francês *Annales*

d'histoire économique et sociale (1929). Também foi um dos responsáveis pela *Encyclopédie Française* e pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS). No cenário europeu, foi um dos mais importantes historiadores do século XX.

A metodologia central do livro é a micro-história, no qual é estruturada na concepção de que uma escala particular de observação produz efeitos e estratégias de conhecimento, bem como, alterações significativas em sua forma e trama. Mudando a escolha das escalas de observação, é possível transformar o próprio conteúdo daquilo que é representado e, por conseguinte, analisado (REVEL, 1998).

Nessa obra, o historiador, em uma extensa revisão bibliográfica, confrontou fontes primárias e secundárias a fim de apresentar o nascimento das ideias reformadoras de Lutero. A partir disso, a obra apresenta não um Lutero santificado, mas o humano e dual, com suas virtudes e vícios, em suas grandezas e baixeiras. Com isso, o livro conseguiu romper com a mera concentração historiográfica no Lutero como o “homem-feito” de 31 de outubro de 1517. Nesse cenário, o autor visava entender também a formação do sujeito e a constituição de sua doutrina em meio às agitações religiosas do século XVI.

Nesse sentido, a obra, de fato, não se propunha a construir uma biografia de Martinho Lutero, mas a tecer opiniões embasadas em fontes sobre esse personagem histórico, que teve um destino simples, mas igualmente trágico. Assim, o autor visava compreender, em linha gerais, as circunstâncias e os impulsos que tomaram Lutero, inserindo-o na dicotomia historiográfica entre individualidade e coletividade.

Nessa direção, o autor apontou o que seria para ele o problema central da história, a saber: a dosagem da relação entre iniciativa pessoal e necessidade social, individualidade e coletividade. Nesse quesito, a noção de *jogo de escala* de Revel (1998) tem uma de suas melhores exemplificações. A variação das escalas de observação e análise auxilia a entender as multiplicidades que rodeiam uma trajetória individual e sua sociedade.

Inserido no limiar dessa bifurcação, a obra, por questões práticas e didáticas, acabou compartimentando a vivência de Martinho Lutero em três momentos: o Lutero hipotético de sua juventude; o Lutero amadurecido, entre os anos de 1517 e 1525, no qual ocupou um papel de relevância em terras germânicas; e o Lutero cansado, exaurido e desencantado que feneceu entre os anos de 1525 e 1546.

Acerca da compartimentação da vivência de Lutero, o autor, no prólogo posterior à segunda edição, afirmou, todavia, que não via uma verdadeira ruptura entre o amadurecido, o jovem e o desencantado. “[...] Não existem dois Luteros, mas um só [...]” (FEBVRE, 2012, p. 16). O que haveria, para o autor, seria uma mesma fé inabalável que uniria os três em apenas um.

Retornando às escolhas e às disposições retóricas do autor, acreditamos, entretanto, que a compartimentalização da vida de Lutero aconteceu, de fato, na obra e não é, todavia, um problema para a narrativa de sua biografia. As mudanças percebidas ao longo dos anos na vida de Lutero ajudam a entender as múltiplas facetas que compuseram o indivíduo histórico do século XIV. Nesse cenário, nada melhor do que enquadrá-las por épocas para facilitar a contextualização de suas ideias pelas épocas históricas que viveu.

Entretanto, o autor, mesmo adotando na obra, futuramente não observou essa ruptura, privilegiando a abordagem sobre o Lutero amadurecido, dos anos de 1517 e 1525, em detrimento do jovem (1483-1517) e do desencantado (1525-1546). Não é à toa que chegou a afirmar que “[...] um estudo de Lutero de antes de 1525 dá conta do Lutero inteiro” (FEBVRE, 2012, p. 18), ainda que essa leitura negligencie os seus 21 anos finais, que têm muito a nos contar sobre política, sociedade e religião.

Nesse cenário, o historiador francês procurou descrever a força, a potência, o entusiasmo e a vivência dessa faceta específica do Lutero amadurecido, pontuando a relevância de sua obra, que não teria sido melódica, mas rica, polifônica e inserida em seu próprio tempo histórico e social.

A obra nos conta que Lutero, provavelmente, nasceu no dia 10 de novembro de 1483, em Eisleben, na Turíngia. De origem pobre, seus pais eram um ferreiro e uma dona de casa. O pequeno Martinho cresceu no povoado de Mansfeld. Lá aprendeu a ler, a escrever e viver da mendicância, quando, aos catorze anos, mudou-se para a cidade de Magdeburgo, em busca de escolas mais versadas.

Um ano depois da mudança, retornou a sua cidade de origem e, em seguida, rumou para Eisenach. Em 1501, mudou-se para Erfurt, onde estudou na Faculdade de Artes, tornando-se bacharel, em 1502, e mestre, em 1505. Nesse percurso, uma série de empecilhos e incidentes levaram-no ao convento dos agostinianos.

Em sua passagem vintenária pelo convento em Erfurt, Lutero seguiu, à risca, os dogmas intermitentes da penitência. Orações. Jejuns. Vigílias. Leituras. Suas ações eram guiadas pela

noção de monge, movido pela piedade e pela reclusão como forma de encontrar Deus, representado por ele como “[...] terrível, implacável, vingativo [...]” (FEBVRE, 2012, p. 30). No contato com uma divindade que lhe causava temor, Lutero recorreu às penitências, que flagelavam seu corpo e irritavam sua alma.

Aqui, vale citar Febvre (2012) para pontuar a importância do convento para a constituição reformadora de Lutero: “[...] não tivesse vivido no convento por mais de quinze anos, não tivesse tido a experiência pessoal, dolorosa, da vida monástica, ele não teria sido Martinho Lutero” (FEBVRE, 2012, p. 25).

Nesse cenário, o autor, em outro momento, também reforça a importância dessa experiência de vinte anos: “[...] Um Lutero que tivesse permanecido no século, um Lutero que efetuasse nas universidades estudos profanos e obtivesse seus títulos de jurista teria sido tudo, menos o Lutero da história” (FEBVRE, 2012, p. 26).

No entanto, um episódio mudou a sua trajetória. Ao final de 1510, Lutero viajou à Roma. O choque entre suas expectativas e a realidade pecaminosa da cidade gerou um ódio inexplicável em seu interior. O embate entre sua fé ortodoxa na Palavra e a miséria moral da Sé Romana transformou Lutero no homem-feito do luteranismo. Iniciou-se, assim, a variedade luterana da espécie cristã, que tomou conta, sobretudo, de parte do território germânico e das mentalidades de povos inteiros.

O impacto da sua reforma foi inovador, pois propôs uma nova forma de pensar, sentir e praticar o cristianismo, que não pôde ser suprimida ou ignorada pelos líderes da Igreja. Esse movimento de transformação se tornou uma nova religião, um ramo distinto do cristianismo que surgiu de forma natural a partir das mudanças propostas por Lutero. Nesse contexto, é possível enfatizar a força transformadora das suas ideias e sua importância histórica na construção de um novo movimento religioso.

Após a descrição do surgimento e da consolidação desse movimento, a leitura do autor, gozando do *jogo de escala* de Revel (1998), inseriu a trajetória de Lutero na efervescência política e religiosa da Europa do século XVI. Nesse sentido, o autor traça relações com outros movimentos reformadores. Dessa forma, aponta diferenças entre o luteranismo e o calvinismo. Em detrimento do segundo, o primeiro seria menos categórico, menos abrupto e menos disseminável, porém mais tenaz, duradouro e maleável do que a variedade vigorosa e prolífica de João Calvino.

Por fim, o historiador apontou duas interpretações acerca dos feitos de Lutero. Um grupo aponta Reformador como uma personalidade essencialmente religiosa. Já outro, o observa como uma personalidade política atuante nos âmbitos social, político e econômico e, para além da doutrina, também responsável por fornecer uma nova compreensão da natureza do povo alemão. Entretanto, seja entendido como religioso ou político, é inegável a relevância de sua obra e trajetória.

Martinho Lutero, um destino, de Lucien Febvre, é uma obra importante para a historiografia contemporânea e religiosa, pois apresenta uma ampla consolidação de dados sobre a vida e obra de Martinho Lutero, líder religioso agostiniano que teve grande impacto na Europa do século XVI. A partir de uma extensa revisão bibliográfica, o autor confrontou fontes primárias e secundárias a fim de apresentar o nascimento das ideias reformadoras de Lutero e o impacto que elas tiveram na sociedade da época. A obra também busca compreender as circunstâncias e os impulsos que tomaram Lutero, inserindo-o na dicotomia historiográfica entre individualidade e coletividade.

A obra de Febvre é uma importante contribuição para a compreensão da história da Europa e do Cristianismo, e destaca-se pela forma como apresenta a figura de Martinho Lutero. Ao apresentar um retrato mais humano e contextualizado desse personagem histórico, a obra conseguiu romper com a mera concentração historiográfica no Lutero como um símbolo religioso. Ao contrário, a obra apresenta um personagem histórico mais complexo e realista, que viveu em uma época de efervescência política, cultural, religiosa e social. Com isso, *Martinho Lutero, um destino* é uma leitura essencial para aqueles que desejam compreender a trajetória desse personagem histórico e o impacto de suas ideias na Europa do século XVI.

Referências

FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

REVEL, Jacques. *Jogos de escala*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

Recebido em: 02 abr. 2023.
Aprovado em: 15 maio 2023.